

# Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

# Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação  
(Organizador)

Atena  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
162	<p>Investigação científica nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Máximo Purificação. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 3)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-718-5 DOI 10.22533/at.ed.185191710</p> <p>1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300.72</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro *Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*, tem por objetivo alargar o diálogo entre pesquisadores e difundir trabalhos desenvolvidos nessas áreas do conhecimento.

Uma obra constituída de 29 artigos, de autores e instituições de diferentes regiões do país que abordam temas diversos e perpassam com maestria importantes discussões das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesse sentido, este livro está organizado em duas seções. A primeira composta por 15 artigos que versam sobre as Ciências Humanas estabelecendo liames com temas como: arte, didática, ensino, formação de professores, política educacionais, evasão escolar, fracasso escolar, entre outros.

A segunda seção composta por 14 artigos, estabelece uma relação dialógica com temas interdisciplinares discutidos a partir da lupa das Ciências Sociais Aplicadas e das condições humanas na perspectiva social, a saber: instituições sociais, organizações, inclusão social, desenvolvimento sustentável, bem-estar, tecnologias, dentre outros.

Nos artigos desta coletânea, o leitor poderá identificar que os autores lançam diferentes olhares sobre temas que são amplamente discutidos nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, numa linguagem acessível, deixando perceber o gosto e o valor da atitude de pesquisar.

Esperamos que a aproximação das temáticas dos artigos com os contextos sociais e com as relações do cotidiano, possa inspirar você leitor/a à reflexão, no intuito de compreender seus contextos, (inter)agir sobre os mesmos.

Uma excelente leitura!

Marcelo Máximo Purificação

## SUMÁRIO

### PARTE I – CIÊNCIAS HUMANAS

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ARTE NÃO TRADUZ O VISÍVEL, MAS TORNA VISÍVEL	
Aline do Carmo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A DIDÁTICA DESENVOLVIDA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL, CONTRIBUI PARA A QUALIFICAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS	
Leandro Moreira Maciel Maria Laura Brenner de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR PARA ALUNOS EM TRATAMENTO INTENSIVO	
Julia Pereira Luciane Madeira Motta Tavares Terezinha Richartz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO EM CONFLITOS EMOCIONAIS DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS	
Manfred Toninger Andreia Cristiane Silva Wiezzel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS COM A LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO	
Ana Carolina Batista Gisele Kühn Haddad João Derli de Souza Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
ESTUDO SOBRE ERGONOMIA APLICADA AO DESIGN DE VESTUÁRIO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE SENSORIAL	
Raysa Ruschel Soares Lívia Accioly Menezes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917106</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
EVASÃO ESCOLAR: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NA ESCOLA JOSÉ PIO DE SANTANA IPAMERI GOIÁS (2016)	
Maira Aparecida Brandão de Freitas Marilena Julimar Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA	
Débora da Costa Pereira Fábio André Hahn Marcos Clair Bovo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
LETRAMENTO DIGITAL NA BNCC: CULTURA VIRTUAL NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
Amanda de Jesus Oliveira Santos Xavier Luciana Nogueira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>106</b>
O SUJEITO E O OBJETO DO FRACASSO ESCOLAR: CULPA DE MUITOS, RESPONSABILIDADE DE POUCOS	
Débora Nogueira de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
O TRATAMENTO DADO PELAS ESCOLAS AOS ALUNOS ORIUNDOS DE FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS	
Camila Aparecida Tavares Terezinha Richartz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
PROMOVENDO O EMPODERAMENTO DA LÍNGUA INGLESA E DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Albene Cássia Dantas Gama Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>133</b>
SEMIÓTICA DISCURSIVA NA ANÁLISE DE UM CARTAZ DO VESTIBULAR DA UEG: A QUESTÃO DO SENTIDO	
Jorge Lucas Marcelo dos Santos Maria Eugênia Curado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171013</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
UTILIZAÇÃO DE MATERIAL MANIPULÁVEL NO ENSINO DE PRISMAS RETOS	
Nayara Borges de Oliveira Corrêa	
Rosemeire Terezinha da Silva	
Robson Lopes Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES QUE SE ABREM NO ATO DE EDUCAR COM A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIAS ATIVAS	
Lucimara Glap	
Luiz Edemir Taborda	
Luana Eveline Tramontin	
Sani de Carvalho Rutz da Silva	
Antonio Carlos Frasson	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171015</b>	
<b>PARTE II – CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
A GRAMÁTICA EMOCIONAL DO ENVELHECIMENTO E AS DISPOSIÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	
Angela Elizabeth Ferreira de Assis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>179</b>
A IMPORTÂNCIA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NA MELHORA DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA HOSPITALIZADA COM CÂNCER	
Daniele Taina de Melo França	
Luís Sérgio Sardinha	
Valdir de Aquino Lemos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>199</b>
A IMPORTÂNCIA DO BIG DATA NAS ORGANIZAÇÕES	
Yasmin Teles Dos Santos	
Elisabete Tomomi Kowata	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>206</b>
A OBSERVAÇÃO RELACIONAL COMO TÉCNICA DE PESQUISA SOCIAL	
Nildo Viana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>219</b>
AS CONCEPÇÕES DE ALMA EM AVICENA E O QUE SE SUCEDE DO “EXPERIMENTO MENTAL DO HOMEM SUSPENSO NO AR”	
Jonathan Alvarenga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171020</b>	

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>230</b>
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM HANSENÍASE E PERCEPÇÕES DE SEUS FAMILIARES	
Luana Nepomuceno Gondim Costa Lima Carina Cavalcanti Nogueira Lopez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>239</b>
DIREITO E ARTE: A PERFORMANCE <i>RHYTHM 0</i> DE MARINA ABRAMOVIC E O PRINCÍPIO DA INDISPONIBILIDADE DA VIDA	
Yohana Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>251</b>
INTERFACES ENTRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E TURISMO SOCIAL – O CASO DO FESTIVAL ROTA DOS SABORES EM CORONEL FABRICIANO (MG)	
Betinna Almeida de Tassis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>258</b>
LEMBRANÇAS DE DONA ZITA: UMA PESQUISA DE HISTÓRIA DE VIDA	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171024</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>270</b>
MEMÓRIAS DOS ADULTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS RIO GENIPAÚBA ABAETETUBA PARÁ: MOTIVOS QUE CULMINARAM PARA INTERRUPTÃO DOS ESTUDOS NO PASSADO E PERSPECTIVAS DE RETORNO NO PRESENTE	
Thiago Maciel Vilhena Raiane Ribeiro Cardoso Francilene Farias Valente Ana Marcia Gonzaga Rocha Marlea de Nazaré Sobrinho Costa Holdamir Martins Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171025</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>283</b>
O CONCEITO DE IDEOLOGIA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	
Abigail Ferreira Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171026</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>291</b>
O USO DA ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS EM DISSERTAÇÕES DA ENFERMAGEM	
Cristiane Lopes Amarijo Aline Belletti Figueira Alex Sandra Ávila Minasi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171027</b>	

<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>299</b>
PROJETAR PARA O BEM-ESTAR: BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO DAS PESSOAS COM OS BENS MATERIAIS	
Maria Carolina Frohlich Fillmann	
Ulisses Filemon Leite Caetano	
Jéssica Collet	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171028</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>317</b>
REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO DE ARTESANATO NA INTERNET	
Nicole Rochele Cardoso Brancher	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171029</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>329</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>330</b>

## A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR PARA ALUNOS EM TRATAMENTO INTENSIVO

**Julia Pereira**

Grupo Educacional UNIS  
Varginha - MG

**Luciane Madeira Motta Tavares**

Grupo Educacional UNIS  
Varginha - MG

**Terezinha Richartz**

Grupo Educacional UNIS  
Varginha - MG

**RESUMO:** A pedagogia hospitalar tem se revelado uma técnica inovadora na aprendizagem e uma alternativa de ensino direcionada às crianças e aos jovens em tratamento intensivo nos hospitais. E, por não terem condições de frequentar regularmente suas respectivas instituições de ensino pelas circunstâncias em que se encontram, necessitam de serviços especializados referentes à vida acadêmica, com a finalidade de dar continuidade à aprendizagem curricular e também, trabalhar a interação com o social. Seguindo esse viés, o objetivo deste estudo, é discutir a importância da pedagogia hospitalar para estes pacientes que se enquadram nessas condições nos centros de terapia intensiva, oferecendo-lhes desenvolvimento do intelecto em conformidade com o seu ritmo de aprendizagem, para que o progresso escolar não estacione. Este intento será norteado por pesquisa bibliográfica que

analisa, busca, registra e correlaciona fontes secundárias de forma a abordar o tema e comprovar sua teoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia Hospitalar. Técnica Inovadora. Tratamento Intensivo. Serviços especializados.

### THE IMPORTANCE OF HOSPITAL PEDAGOGY FOR STUDENTS IN INTENSIVE TREATMENT

**ABSTRACT:** Hospital pedagogy has revealed to be an innovative technique in learning and an alternative of teaching directed to children and youngsters in intensive treatment in hospitals. And, for their inability to attend regularly their respective educational institutions because of the circumstances in which they are, they need specialized services related to academic life, in order to continue curricular learning and also to interact with the social. Following this path, the purpose of this study is to discuss the importance of hospital pedagogy for these patients who fit these conditions in intensive care centers, offering them the development of the intellect in accordance with their learning pace, so that school progress do not park. This attempt will be guided by bibliographic research that analyzes, searches, records and correlates secondary sources in order to approach the theme and prove its theory.

**KEYWORDS:** Hospital Pedagogy. Innovative Technique. Intensive Treatment. Specialized services.

## 1 | INTRODUÇÃO

Equipes preparadas trabalham utilizando a pedagogia hospitalar, que tem se revelado uma técnica inovadora e uma alternativa de aprendizagem para crianças que se encontram em tratamento intensivo hospitalar e, por esse fator, não podem frequentar normalmente os centros de ensino. Trata-se de um tema emergente em nossa sociedade e pretende-se demonstrar se, de fato, auxilia no desenvolvimento escolar de uma criança nessas condições.

O artigo aborda ainda, o surgimento da pedagogia hospitalar, mostrando a sua importância para sociedade, a sua contribuição para o desenvolvimento da criança, as metodologias utilizadas, a visão brasileira a respeito de sua relevância e o papel do pedagogo como mediador do conhecimento e como auxiliador do profissional da saúde.

Nesse contexto, além do crescimento populacional que indica aumento considerável de crianças enfermas em hospitais, salienta-se a real importância da escola para crianças enfermas, que, de acordo com o parágrafo 2º, artigo 58 na LDB nº9.394/96, “todo aluno privado de condições de integrar uma sala de aula, possui o direito a serviços especializados”.

## 2 | A PEDAGOGIA HOSPITALAR NA HISTÓRIA

A pedagogia hospitalar inicia-se no século XX, mais precisamente em 1935, quando o Francês Henri Sellier, inaugura a primeira classe adaptada para crianças com algum tipo de enfermidade decorrente da Segunda Guerra Mundial ocorrida na Europa. Há, então, necessidade de tratar uma quantidade significativa de crianças com danos provocados pela guerra, ao passo que estratégias tiveram de ser tomadas, hospitais adaptados para receber esses jovens por tempo indeterminado, gerando um maior investimento não só por parte dos profissionais da saúde, como também os da educação.

Conforme diz Wolf (2007, p.2):

Pode-se considerar como marco decisório das escolas em hospital a Segunda Guerra Mundial. O grande número de crianças e adolescentes atingidos, mutilados e impossibilitados de ir à escola, fez criar um engajamento, sobretudo dos médicos, que hoje são defensores da escola em seu serviço

No mesmo período, outros países como Alemanha, França e Estados Unidos, começam a investir em hospitais adaptados para receber professores que lecionem para crianças enfermas e, em 1939 é criado em Paris, o C.N.E.F.E.I. – Centro Nacional

de Estudos e de Formação Para a Infância Inadaptada de Suresnes, objetivando defender o direito desses jovens e capacitar profissionais da educação para exercer tal função. Com isso, surge pela primeira vez na história, através do Ministério da Educação da França, o Professor Hospitalar.

Na atualidade, o C.N.E.F.E.I, defende a ideia de que a escola não deva ser um centro voltado apenas para professores, e sim, aberta, que promova estágios para médicos, diretores, professores e assistentes sociais, que se preocupam com a saúde escolar.

Já no Brasil, a história da Pedagogia Hospitalar tem seu marco inicial em 1950 no Rio de Janeiro, no Hospital Municipal Jesus, em 14 de agosto do mesmo ano, através de Lecy Rittmeyer. (SANTOS; SOUZA, 2009 apud CAVALCANTE; GUIMARÃES; ALMEIDA, 2015). A partir de então, outros hospitais da região optam também pela mesma forma de tratamento, porém, ainda não há apoio do estado, sendo necessárias intervenções de doações e da própria direção hospitalar.

Até que, segundo Lima (2003, apud CAVALCANTE; GUIMARÃES; ALMEIDA, 2015), inicia-se um trabalho hospitalar no Hospital das Clínicas da Faculdade de Ribeirão Preto (HCFMRP-USP) em 1970, sendo modificado severas vezes até sua conclusão em 1997, quando se obtém a forma de trabalho que se segue até nos dias atuais em classes hospitalares.

O Estatuto da Criança e do Adolescente na resolução nº. 41 de outubro de 1995, no item 9, reconhece à criança hospitalizada, o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”. E assim, em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MEC, 1996), estabelece-se que toda criança deve desfrutar de todas as oportunidades possíveis para impedir a suspensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Em continuação aos dados cronológicos, mais tarde, em 2000, o Ministério da Educação elabora um documento contendo estratégias e orientações voltadas ao atendimento em classes hospitalares, no qual busca garantir o acesso de todos à educação básica. Logo, observa-se o despertar do interesse profissional capaz de gerar, seis anos depois, já em 2006, um projeto de metodologia pertinente à área, intitulado como Ludicidade, realizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS). O projeto estabelece uma estratégia de educação voltada para crianças residentes na Enfermaria Pediátrica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe, em defesa da prática lúdica como prática para se obter sucesso no processo educacional. Constatando-se aí, uma das correntes de efetivação da Pedagogia Hospitalar em conjunto com a da continuidade escolar.

Nessa premissa, ressalta-se que todo o processo pedagógico necessita ser estudado e experimentado, no entanto, o Brasil demora para começar a desenvolver a Pedagogia Escolar. Isto pode ser explicado devido à sua estrutura econômica, que se diferencia em muito dos sistemas de países industrializados como França e

### 3 | A PEDAGOGIA HOSPITALAR E SUA IMPORTÂNCIA

A taxa de natalidade mundial aumentou consideravelmente devido à modernidade do século XXI e suas tecnologias, com isso pode-se observar uma necessidade de maior investimento em áreas específicas, uma delas é a educação com ênfase nas crianças enfermas em tratamento intensivo, que muitas vezes, necessitam de maior atenção e, não somente isso; é preciso um olhar diferenciado, estratégias inovadoras, que deem continuidade ao processo de aprendizagem dessas crianças e jovens. De acordo com Matos e Mugiatti, (2009, p. 61):

Sendo assim, as crescentes alterações no seio da sociedade criam a necessidade de formação continuada e de desenvolvimentos para novas habilidades para enfrentar tais demandas. É o caso da emergência de hospitalização da criança e do adolescente, os quais, devido ao tempo de internação, muitas vezes rompem o seu processo de escolaridade.

O Ser Humano é a única espécie capaz de utilizar sua razão, de criar e transformar e é, também, a única capaz de criar vínculos de afetividade, de interagir, conhecer, aprender, reaprender e repensar as realidades sociais. Diante disto, tem-se a escola, um ambiente repleto de conhecimento, de crianças e adultos compartilhando experiências todos os dias e, separadamente, temos os hospitais, locais onde existem pessoas enfermas, privadas do direito de estudar. E por que não ter escolas em hospitais? Onde cada criança hospitalizada possa continuar seu percurso intelectual, não só aprendendo, mas recriando a esperança de um amanhã que possa ser vivido realmente. Ainda conforme Matos e Mugiatti, (2009, p. 13):

O papel da educação por sua vez, torna-se cada vez mais importante face à multiplicidade de demandas das necessidades sociais emergentes; é o motivo pelo qual precisa a educação, como mediadora das transformações sociais, com o apoio das demais ciências, contribuir com maior rapidez e criatividade, para uma sociedade mais consciente, mais justa e mais humana.

Em um de seus artigos, Paula (2010), relata que, por muito tempo, os jovens enfermos sem condições de frequentar a escola, sofrem o abandono por parte do sistema de duas formas, primeiramente na exclusão social e em segundo, na inexistência de acesso à educação; em outras palavras: os enfermos são excluídos de dois de seus direitos mais importantes que contribuem efetivamente em seu desenvolvimento. Esse fator afeta drasticamente seu desenvolvimento, pois todos, naturalmente, necessitam da aprendizagem e se socializar, especialmente com outros de mesma idade. Aprende-se o tempo todo com familiares, amigos, sociedade, escola, em todo o lugar onde se tem interação e, por consequência, troca de conhecimento.

Devido à necessidade de novas propostas para estas crianças em condições de

internação por tempo indeterminado, precisa-se repensar na melhor forma de atendê-las. Importante se basear não só no que a criança deve aprender de acordo com seu ano escolar, mas também, com aquilo que a criança pode conceber, em conformidade com a sua condição atual.

Pereira (2014), fundamenta que a Pedagogia Hospitalar não é apenas uma sala de aula que funciona em um hospital, mas é um atendimento profissional pedagógico com a finalidade de recuperar a socialização, dando continuidade à aprendizagem desse aluno hospitalizado. Por outro lado, não é só na escola que o aluno pode aprender.

- o tempo de aprender é o tempo do aluno;
- a interação entre as crianças e tão importante quanto a mediação do professor nas atividades desenvolvidas; e
- a sala de aula tem o tamanho do mundo (e, no caso da sala de aula da escola hospitalar, serve de mediadora à possibilidade da criança de “plugar-se” com o mundo fora do hospital) (FONSECA, 2008, p. 14).

Diante do exposto, constata-se a importância da Pedagogia Hospitalar como forma democrática de garantir os direitos constitucionais, pois, são pessoas que lutam por suas vidas, que buscam dias normais como qualquer outra e precisam sem dúvida, estudar, buscar conhecimento e crescimento intelectual, não só para aprender, mas para sentir-se parte de um todo, parte da sociedade e daqueles que levam uma vida longe de tratamentos hospitalares intensivos.

### 3.1 O Papel do Pedagogo Hospitalar

Como visto anteriormente, há uma grande demanda de crianças hospitalizadas e, em decorrência desse índice, um número crescente de jovens que acabam perdendo anos escolares. Por esse motivo, faz-se necessária, a criação de metodologias voltadas para este público alvo, levando-se em consideração, a carência e especificidades individuais.

O professor para atuar com classe hospitalar, deve trabalhar com programas abertos, planejamento diferenciado, respeitar o ritmo e as habilidades de cada aluno, priorizar a realidade a que os alunos estão adaptados. (SILVA; FANTACINI, 2013).

O pedagogo hospitalar precisa ser criativo, aproveitar todo o ambiente possível, auxiliando para que aquele ambiente, muitas vezes rodeado de dor e sofrimento, torne-se mais alegre, descontraído, colorido e apto para oferecer à criança, além do que ela necessita em relação à sua saúde, melhorando aspectos emocionais, e dar continuidade ao processo formativo.

Segundo Silva, (2012 p. 5),

O trabalho do pedagogo hospitalar também tem como proposta a intervenção terapêutica procurando resgatar seu espaço sadio, provocando a criatividade, as manifestações de alegria, os laços sociais e a diminuição de barreiras e preconceitos da doença e da hospitalização, a metodologia deve ser variada mudando a rotina

da criança no qual permanece no hospital.

Muitos obstáculos são encontrados em sua função, a começar pelo ambiente em que determinada criança se encontra, quando necessita de silêncio, cuidado e respeito a suas limitações e aos outros enfermos que se encontram no local. Este ambiente geralmente não é propício para que haja educação escolar, deve-se então, fazer uma adaptação levando em consideração a realidade encontrada. Para tanto, as metodologias utilizadas com essas crianças não são as mesmas das escolas regulares; precisando-se modificar o ambiente hospitalar em que a aula acontece.

O trabalho com o lúdico é considerado eficaz para se garantir um bom resultado e, cabe ao Pedagogo Hospitalar reproduzir esse ambiente, devendo, também, estar sempre em contato com a instituição escolar, para discutir métodos, enviar relatórios e se manter informado sobre os conteúdos aplicados na escola. Seu papel se estende, também, a estar atento ao desenvolvimento do aluno, e se os métodos utilizados estão adequados, levando em consideração o ritmo desse aluno que, muitas vezes, diferencia-se por questões físicas e emocionais como consequência de sua enfermidade, da realidade das instituições regulares.

Dentre as metodologias aplicadas, a brincadeira costuma trazer vários benefícios: auxilia os processos de socialização, estimula o raciocínio e a compreensão das estratégias envolvidas, permitindo à criança dominar a própria conduta com autocontrole e auto-avaliação de suas capacidades e de limites. (SILVA; FANTACINI, 2013).

Conforme Pereira (2014, p. 6)

O ambiente hospitalar onde é feito o atendimento as crianças e adolescentes deve ser diferenciado, acolhedor, com brinquedos e jogos, com estimulações visuais, um ambiente alegre e aconchegante. Assim, através de brincadeiras, as crianças e os adolescentes internados encontraram uma maneira mais positiva e criativa para viver a situação de doença, diminuindo o comprometimento mental, emocional e físico dos enfermos. No entanto, é imprescindível que haja um planejamento juntamente com a escola de origem dessas crianças para que seja dada a continuidade do trabalho escolar e as crianças possam ser reintegradas à escola assim que obtenham alta do hospital.

A brinquedoteca do hospital também pode ser aproveitada pelo professor, com a finalidade não só de entreter o aluno, mas também, em momentos em que ele esteja nervoso e com medo.

Além de brincadeiras, outras formas prazerosas de aprender são indicadas: contar histórias, e fazer dramatização, desenhos e pinturas e jogos. (SILVA; FANTACINI, 2013). Através do lúdico, é mais fácil acalmá-lo e ao mesmo tempo, trabalhar a parte pedagógica. Alguns jogos que poderão ser utilizados por Pedagogos Hospitalares de acordo com Pessoa, Souza e Fontes (2012, p. 12) são:

Sacolas contendo quebra-cabeças para serem montados junto aos familiares/

acompanhantes; sacolas com livros paradidáticos apenas com histórias e outros com espaços para participarem da construção dos textos, como por exemplo: continuar a história, desenhar partes que faltam, criar o final da história, reescrever a história lida, recontar ao pedagogo ou acompanhante; fantoches de dedo para reconto de histórias já conhecidas, como os clássicos da literatura infantil, ou criação de novas histórias; uso de bolas, dados e blocos de montar; trabalhos artísticos com desenho, pintura; confecção de imagens com papel (origami), de máscaras, chapéus, esculturas, modelagens; brincadeiras como pular elástico e amarelinha; jogar *ping-pong*, boliche com variações (com as mãos, com os pés); imitações; uso de fantasias; danças livres ou coreografadas; uso de instrumentos musicais; recursos tecnológicos como jogos computadorizados, vídeo games, assistir filmes.

Além disso, também compete ao Pedagogo Hospitalar, juntamente com os profissionais da saúde, trabalharem juntos para o pleno desenvolvimento da criança, tendo em vista que, alguns profissionais da área de saúde como médicos e enfermeiros, não estão preparados para lidar com alguns aspectos psicológicos infantis que se referem a como as crianças os veem – aqueles que causam dor – ; diferentemente de como enxergam o pedagogo – quem apoia o desenvolvimento e acaba se tornando familiar. Com isso, precisa-se ter um olhar não só para os jovens enfermos, mas, também para os profissionais que ali se encontram e, ao final, acaba sendo um trabalho em conjunto, quando há uma somatória de conhecimentos distintos e necessários para se atingir um só objetivo. E para se obter resultados positivos, os profissionais de educação necessitam de muita paciência e perseverança, para que realmente ocorra uma mudança no ambiente hospitalar com o intuito de atenuar o stress de todos, inclusive dos próprios profissionais da saúde.

Ainda segundo Pereira (2014, p. 6):

Cada classe Hospitalar encontra sua forma de desenvolver o seu trabalho, dependendo muito do suporte institucional recebido, da interação entre equipe médica e a equipe pedagógica, o espaço físico oferecido, a clientela atendida, além da formação dos profissionais de educação que estão presentes em cada hospital.

Ressalta-se que, o Pedagogo Hospitalar é um educador e deve se preocupar com a efetiva aprendizagem de seus alunos. No entanto, não significa que o mesmo deve focar somente nesse aspecto, pois a criança enferma possui a prioridade de lutar pela vida, fazendo-se necessário o respeito diante de tal situação, tendo um olhar crítico para a condição do aluno que, em determinados dias, pode ou não ter condições para assistir alguma aula, podendo ser adiada até o momento em que ele possa participar. De acordo com Cavalcante, Guimarães e Almeida (2015, p.7):

[...] vale ressaltar que a criança está hospitalizada para cuidar de sua saúde e não para dar continuidade aos estudos. Dessa forma, o pedagogo deve dar à criança uma atenção integral de maneira que a prioridade seja o tratamento de sua doença para a recuperação da saúde plena e estável.

Em alguns hospitais de renome, como o Hospital Infantil Joana de Gusmão, não existe apenas a classe hospitalar e sim, cinco áreas distintas que tratam do jovem enfermo, em todas as suas especificidades, sempre com um olhar crítico voltado para o mesmo, sem focar simplesmente em seu desenvolvimento acadêmico, mas em sua condição atual. Segundo Cardoso (2007, p. 308):

O Setor de Pedagogia do HIJG atualmente desenvolve cinco programas distintos. São eles: apoio pedagógico à criança internada: atendimento nas unidades viabilizando a interação entre o hospital e a escola de origem; estimulação essencial: para crianças de 0 a 6 anos com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor; recreação: oportuniza o brincar como proposta terapêutica, possibilitando, por meio de brinquedo e brincadeiras, re-elaborar as manifestações de alegria e do lazer, resgatando a vitalidade e a autoconfiança; ambulatório-triagem: diagnóstico, orientação e acompanhamento escolar para crianças com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e com dificuldades na aprendizagem, continuidade da escolaridade formal, mantendo a sistematização da aprendizagem, promovendo o desenvolvimento e contribuindo para a reintegração à escola após a alta hospitalar.

Vale ressaltar que um Pedagogo Hospitalar lida com diversas situações dentro de um hospital, auxiliando os profissionais da saúde em diversos setores como a ambulatorial, por exemplo. Não se trata de apenas transferir conhecimento à criança, sobretudo, afeto, zelo, carinho, atenção e segurança. Sem dúvida, muitas são as vertentes que fazem de um professor, em hospitais, como essencial. De acordo com Esteves (2008, p.3):

A prática do pedagogo na Pedagogia Hospitalar poderá ocorrer em ações inseridas nos projetos e programas nas seguintes modalidades de cunho pedagógico e formativo: nas unidades de internação; na ala de recreação do hospital; para as crianças que necessitarem de estimulação essencial; com classe hospitalar de escolarização para continuidade dos estudos e também no atendimento ambulatorial.

Muitas são as funções do Profissional da Educação nesses ambientes, mas pode-se enfatizar sua importância quanto à forma de educar através de transformar. A Pedagogia Hospitalar é disruptiva, pois modifica totalmente um ambiente sério, de sofrimento, transformando-a em uma sala de aula, de aprendizagem, alegria e confiança.

#### **4 | PEDAGOGIA HOSPITALAR NOS DIAS ATUAIS**

A Pedagogia Hospitalar é uma realidade mundial. Contudo, no Brasil não se desenvolve de forma precisa. Necessita-se de um maior estudo de campo, de maiores investimentos a metodologias de suporte, e formas mais eficazes de se conseguir alcançar os objetivos, conforme nos informa Ceccim e Fonseca, (1999) apud Silva, (2012. p. 02).

[...] a necessidade de formular propostas e aprofundar conhecimento teóricos e metodológicos, visando atingir o objetivo de dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens hospitalizados.

Em regiões interioranas do país não se tem pedagogos hospitalares atuando em hospitais. A criança se encontra desassistida, completamente a mercê de enfermeiras para auxiliá-las no processo educacional.

Ao receber alta, certamente acham-se em defasagens comparadas às crianças de mesma idade e ano escolar. Isso acontece devido a alguns fatores, dentre eles: à falta de investimentos em pesquisas metodológicas voltadas para a área que possam resultar em projetos e falta de cursos presenciais.

Para um profissional da educação se especializar na área, ele deve se deslocar para outra cidade ou realizar sua especialização à distância, pois não há muitas opções de cursos nessas regiões. Esse fator leva à baixa divulgação do direito da criança em continuar seus estudos, mesmo em um leito de hospital, gerando o problema social do não-reconhecimento da população e dos profissionais da saúde.

A respeito da importância da Pedagogia Hospitalar como forma democrática de direitos e instrumento facilitador no processo de tratamento do jovem enfermo, pode-se dizer que muito se desenvolveu. Porém, largos passos precisam ser dados para se obter uma educação igualitária.

Segundo Barros, Guedeville e Vieira, (2011, p. 350).

Reafirmamos, que a classe hospitalar, enquanto um espaço de intervenção haverá de amadurecer e ser legitimado à medida que o retorno das pesquisas que se debruçarem por esse espaço evidenciarem os ajustes necessários à realização da sua prática. Desse modo, a implantação de espaços próprios de ensino-aprendizagem para crianças e/ou adolescentes hospitalizados se converteria em possibilidade não apenas de cumprimento de direitos da infância, mas, sobretudo, na possibilidade de enriquecimento teórico-metodológico dessa área do saber.

Acredita-se que a evolução da Pedagogia Hospitalar está relacionada ao investimento da formação dos pedagogos, sobretudo, em como se relacionam com alunos/pacientes para que o atendimento seja humanizado, e se relaciona também com a área de pesquisas, especialmente na área metodológica, para que o resultado seja mais efetivo.

## 5 | CONCLUSÃO

Aprender não tem espaço determinado, desde que de forma correta e com professor de formação específica para atuar com crianças hospitalizadas, já que se pode dar continuidade ao processo formativo em um leito de hospital. Considerando esse cenário, pode-se dizer que a Pedagogia Hospitalar auxilia nesse sentido, por contribuir ao desenvolvimento de uma criança em tratamento intensivo, para que ela não tenha prejuízos significativos no seu processo de aprendizagem até que se possa

comparecer à escola regularmente.

Para que o resultado dessa Pedagogia seja satisfatório, necessita-se de adequação metodológica e curricular com adaptação de conteúdo a ser trabalhado com jogos, brincadeiras, atividades lúdicas de toda ordem, objetivando amenizar um tratamento dolorido, dissipando-o e efetivando a aprendizagem.

O trabalho é complexo e depende não somente do profissional da educação, mas de todos os que de alguma forma participam da realidade cotidiana da criança no hospital. Tudo deve ser feito com muito cuidado e dedicação considerando, sempre, a situação do paciente, com o cuidado de não sobrecarregá-lo, ou estressá-lo; concedendo-lhe confiança e segurança de que necessita em todo o processo.

## REFERÊNCIAS

- BARROSAlessandra Santana Soares; GUEDEVILLE, Rosane Santos; VIEIRA, Sônia Chagas. Perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Salvador, v. 17, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000200011>>. Acesso em: 4 jun. 2019.
- CARDOSO, Terezinha Maria. Experiências de ensino, pesquisa e extensão no setor de pedagogia do HIJG. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 27, n. 73, p. 305-318, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n73/04>>. Acesso em: 5 jun. 2019.
- CAVALCANTE, Myrian Soares de Moraes; GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo; ALMEIDA, Synara do Espírito Santo; pedagogia hospitalar: histórico, papel e mediação com atividades lúdicas. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, Salvador, v. 8, n. 1, dez./2015. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1261/58>>. Acesso em: 4 jun. 2019.
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Resolução 41, de 13 de outubro de 1995. **Diário Oficial**, Brasília, 1995. Disponível em: <[http://www.mpdfp.mp.br/portal/pdf/idades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/Res\\_41\\_95\\_Conanda.pdf](http://www.mpdfp.mp.br/portal/pdf/idades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/Res_41_95_Conanda.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- ESTEVES, Cláudia. Pedagogia hospitalar: um breve histórico. **Pedagogia ao pé da letra**, 2008. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HIST%C3%93RICO-DA-PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memmon, 2008.
- MATOS, Elizete; MUGIATTI, Margarida. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 7. ed. Petrópolis(RJ): Vozes, 2009. 181 p.
- PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Pedagogia hospitalar na pedagogia social: reflexões teóricas. **Scielo proceedings**, [S. l.]. Campinas, mar. 2010. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc000000092010000100008&script=sci\\_arttext&lng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc000000092010000100008&script=sci_arttext&lng=pt)>. Acesso em: 02 abr. 2019.
- PEREIRA, Luciana. Pedagogia hospitalar: a leitura nutrindo a alma. **Brasil Escola**, [S.l.], 2014. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-hospitalar-leitura-nutrindo-alma.htm>>. Acesso em: 01 maio 2018.

PESSOA, Ana Cláudia Bandeira; SOUZA, Miria Helen Ferreira de; FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira. **O lúdico no ambiente hospitalar**: algumas reflexões. Fórum internacional de pedagogia. Campina Grande/PB: Realize Editora, 2012.

SILVA, Andrieli. O papel do pedagogo hospitalar. **Brasil Escola**, Passo Fundo, 2012.  
Disponível em: <<https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/educacao/o-papel-pedagogo-hospitalar.htm>>. Acesso em: 01 maio 2018.

WOLF, Abreu do Prado Rosangela. Pedagogia Hospitalar: a prática do pedagogo em Instituição Não Escolar. **Revista Conexão**, UEPG, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/5141/514151721014/>> ISSN 1808-6578>. Acesso em: 23 set. 2018.

SILVA, Silvana Aparecida Siena; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. Pedagogia Hospitalar: a ação pedagógica em hospitais pediátricos. **Educação**, Batatais, v. 3, n. 1, p. 31-52, junho, 2013

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Artesanato 308, 309, 310, 311, 312, 317, 318, 319

Avicena 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220

### B

Bem-estar 170, 171, 172, 176, 178, 182, 183, 222, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306

Big data 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

### C

Coleta de dados 33, 129, 146, 148, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289

Competitiveness 190

Conflitos emocionais 33, 36, 37, 43

### D

Desenvolvimento sustentável 242, 243, 244

Design 57, 58, 59, 62, 241, 290, 291, 292, 298, 305, 306, 318

Didática 13, 14, 16, 19, 129, 203

Direito e Arte 230

Disposições sociais 157, 162, 163

### E

Educação do campo 261, 267, 268, 273

Ensino de ciências 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 155, 272, 273

Ensino técnico integrado 82, 94

Entrevista 4, 12, 37, 65, 71, 72, 73, 78, 86, 87, 102, 113, 197, 208, 226, 246, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288

Envelhecimento 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Ergonomia 57, 58, 59, 62

Estética da recepção 4, 5, 52

Estrutura familiar 72, 73, 79, 117, 121

### F

Famílias homoafetivas 117, 118, 122

Felicidade 181, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 306, 307

Filosofia árabe 210

Formação do leitor 45, 46, 47, 55

Fracasso escolar 66, 67, 69, 72, 80, 86, 93, 94, 95, 106, 108, 109, 110, 111, 116, 262

### G

Gêneros digitais 96, 98, 99, 101, 103, 104

Geometria espacial 146, 147, 154, 155

## H

Hanseníase 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

História de vida 249, 250, 257, 258, 259, 260, 285, 286

## L

Letramento 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Letramento digital 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

## M

Momentos pedagógicos 146, 148, 154

Motivação 54, 73, 78, 79, 89, 92, 109, 127, 177, 178, 265, 270

Música 7, 10, 18, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 43, 44, 124, 254, 255

## O

Observação relacional 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

## P

Plano de Conteúdo (PC) 133

Plano de Expressão (PE) 133

## R

Rejeição 221

Rendimento escolar 76, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115

## S

Superação 66, 84, 127, 128, 129, 131, 178

## T

Técnica inovadora 22, 23

Terapia Assistida por Animais (TAA) 170, 172, 184, 186, 187, 188

Tratamento intensivo 22, 23, 25, 30

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-718-5



9 788572 477185